

Desde então, Maria tinha uma boa independência financeira em relação aos pais.

– Em qualquer outro seminário ou preleção eu não me importaria de chegar atrasada – disse Maria. Ela estava acostumada, como mulher, a só ter permissão para entrar na sala de preleções depois que todos os homens estivessem acomodados em seus lugares. Como alguns deles sempre se atrasavam, ela sempre tinha que esperar, e nunca conseguia ouvir as frases introdutórias do palestrante. – Mas em minha primeira aula no anfiteatro anatômico, e ainda por cima em uma aula particular, seria extremamente desagradável faltar com a pontualidade. O professor Bartolotti se sentiria muito ofendido.

– Eu sei, Maria. E seu pai tem pleno conhecimento das circunstâncias, acredite em mim. – Nos últimos dias não se falava de outro assunto na casa dos Montessori. Maria não desperdiçava nenhuma oportunidade de falar com a família sobre seus medos. A sala onde se examinavam cadáveres humanos era medonha aos seus olhos, um lugar que ela preferiria evitar. Mas sem as aulas de anatomia ela não concluiria o curso. Restava então a Maria ter paciência e suportar.

Renilde pôs o bordado na mesinha e olhou para a filha, encorajando-a.

– Você já foi tão longe, tenho certeza de que também vai superar essa parte do curso. – Ao contrário do marido, o funcionário das finanças Alessandro Montessori, ela se entusiasmara desde o princípio com a

aspiração profissional da filha e apoiava incondicionalmente seu propósito de se tornar uma das primeiras médicas da Itália. Para Renilde, a escolha de Maria não era nenhuma surpresa. Depois de seis anos de escola primária, a filha frequentou uma escola técnica secundária e, em seguida, concluiu um curso universitário de dois anos de ciências naturais. A medicina era, então, praticamente uma consequência lógica. Alessandro Montessori tinha outra opinião, mas Renilde sentia orgulho da filha. Talvez um orgulho combinado com um traço de inveja, pois a mãe também tinha uma mente ativa e se interessava por ciências naturais. Infelizmente, não lhe fora permitido frequentar a universidade. Por esse privilégio, as mulheres da nova Itália unificada lutavam pouco a pouco.

– Enquanto espera, você poderia aproveitar e fazer um coque no cabelo – sugeriu Renilde. – A madeixa que se soltou faz você parecer não só desleixada, mas também frívola. Você não pode se permitir ser alvo de fofoca.

Maria contorceu a boca. Ela estava acostumada com as críticas da mãe sobre sua aparência. Renilde Montessori, nascida Stoppani, vinha de uma família proprietária de latifúndios em Chiaravalle, uma cidadezinha próxima a Ancona. Como muitos italianos, ela tinha a firme convicção de que a igreja católica não apenas oferecia às pessoas a única crença verdadeira, como também fixava as regras que elas deveriam seguir durante a vida. Para ela, o pudor parecia ser uma das maiores virtudes.

No exato momento em que Maria ia seguir a sugestão da mãe, ela ouviu a porta da casa se abrir no andar térreo.

– Até que enfim! – Rapidamente ela se levantou. A madeixa já não importava. Maria agarrou a bolsa de couro que usava a tiracolo, na qual levava seus livros, documentos e o estojo, e saiu correndo até a escada. Para não ter que carregar tanto peso, ela tinha dividido os livros em cadernos fininhos, dos quais sempre levava somente aqueles de que precisaria. Logo após a aprovação em um exame, ela mandava reencadernar o livro. Mesmo assim, a bolsa pesava alguns quilos.

– Maria!

– Sim? – Maria se virou para a mãe.

– Você volta para casa a tempo de jantar, não volta?